

ROTEIRO DE ESTUDO DE EDUCAÇÃO FÍSICA • ENSINO FUNDAMENTAL • 8º ANO

Ética no ambiente escolar

A ética interroga a legitimidade de práticas e de valores consagrados pela tradição e pelo costume. E abrange tanto a crítica das relações entre os grupos, dos grupos nas instituições e ante elas, como também a dimensão das ações pessoais.

Discutir ética na escola trata-se de refletir acerca da convivência humana nas suas relações com as várias dimensões da vida social: o ambiente, a cultura, o trabalho, o lazer, o consumo, a sexualidade e a saúde (DARIDO *et al.*, 2001).

De maneira indireta, conscientemente ou não, as aulas de Educação Física trabalham atitudes e valores com os alunos. Mas que valores são esses? São aqueles desarticulados da realidade, baseados nos valores de um determinado grupo ou de um professor? Ou aqueles que respeitam a diversidade e que são essenciais para a formação de futuros cidadãos?

Acredita-se que valores sociais e humanos reforçados pela prática esportiva, o aprender a jogar com o colega, e não contra ele, são objetivos que o esporte escolar poderá inculcar nos alunos presentes em aulas de Educação Física.

A prática da Educação Física na escola poderá favorecer a autonomia dos alunos para monitorar as próprias atividades, regulando o esforço, traçando metas, conhecendo as potencialidades e limitações e sabendo distinguir situações de trabalho corporal que podem ser prejudicadas (PCN, 1997, p. 29).

Durante as aulas, os alunos se comportam de diversas maneiras, nas quais expressam prazer, satisfação, medo, vergonha, entre outros. Isso se dá devido ao aspecto relacionado ao convívio afetivo/emocional, o qual vai influenciar diretamente na participação das aulas. Devido a esses fatores, as aulas de Educação Física são o ambiente ideal para explicitar, discutir e fazer uma reflexão sobre atitudes e valores éticos para todos os envolvidos.

O professor de Educação Física pode e deve desenvolver esse tema em momento oportuno, no qual consiga cultivar e discutir, no decorrer das aulas, temas relacionados a respeito, solidariedade, conhecimentos que permitam a compreensão e a cooperação entre todos os envolvidos.

Podemos dar o exemplo clássico no qual os alunos menos habilidosos não são escolhidos para participar daquela atividade específica. Nesse caso, o professor deve: levar os alunos a refletir que todos estão usufruindo o mesmo direito à educação e que, nem por isso, necessitam ser iguais. Além disso, o professor precisa levá-los a reconhecer seus limites e suas possibilidades, além dos limites dos outros. Essa reflexão pode levar os alunos a expressar mais facilmente sentimentos e emoções, admitindo dúvidas sem medo de serem ridicularizados.

São várias as possibilidades do professor para intervir em relação a diversas situações cotidianas que possam desfavorecer ou prejudicar a participação do aluno. Por tal motivo, é de extrema importância o professor realizar seminários e mesas redondas.

Ética, tolerância e o ambiente escolar

A escola é um ambiente em que convergem, ou pelo menos deveriam convergir, a diversidade e a aprendizagem. É nesse espaço que as relações interpessoais se estabelecem. Muito além das competências cognitivas e da responsabilidade educativa pedagógica, há, nesse *locus*, a oportunidade de desenvolver habilidades não cognitivas, fundamentais para a formação plena e competente do indivíduo.

Só o conhecimento acadêmico não transforma. É preciso formar para a autonomia, para a flexibilidade, para o espírito crítico, o respeito a si mesmo, ao outro e à coletividade. Assim, agimos de maneira a intervir na realidade. A escola traz, por meio de seus alunos e educadores, valores reveladores das crenças e dos costumes dos grupos sociais em que estão inseridos. O conflito surge como oportunidade de construção moral e formação ética. Paulo Freire, grande educador brasileiro, já dizia que o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético, e não um favor que podemos ou não conceder aos outros.

O ambiente democrático proporciona a estabilidade das relações. Nele, as regras são explícitas. As pessoas têm clareza do que é negociável e do que não é negociável. Princípios não são negociáveis, fazem parte dos valores centrais dos indivíduos. Nos envergonhamos das ações que ferem esses princípios, há o medo de decairmos aos olhos alheios. Há, também, valores que

são periféricos, mas importantes, pois permitem a negociação em virtude do bem comum. Uma regra sem princípio é arbitrária. Não humilhar o outro, por exemplo, é uma regra que deriva do princípio “respeito”.

Nesse ambiente, a sala de aula e os espaços escolares revelam leveza, bom humor, cooperação e construção coletiva das regras. A interação do sujeito é favorecida e o meio o transforma interiormente. A restrição refere-se aos atos, e não às pessoas e aos seus sentimentos. A tomada de consciência do erro é fundamental para a mudança de ação. Já a resolução de problemas é usada para provocar as mudanças nas estruturas internas do indivíduo.

As ações pedagógicas levam a situações em que os alunos falam de si e sobre os seus sentimentos, exercitam o autocontrole e o autodomínio. Há espaço para rodas de conversa, assembleias, narrativas morais, e discussões sobre dilemas reais e hipotéticos – as experiências se adequam às faixas etárias e transformam-se em aprendizagem de valor.

O adulto tem escuta ativa e olhar atento; o professor torna-se tutor e mediador dos conflitos; a violência oral e física é coibida com segurança, firmeza e calma; as explicações são concisas, as sanções acontecem por reciprocidade. O respeito às diferenças, aliado à valorização da vida, transforma o ambiente em clima de cooperação, e não de humilhação. Ação e consequência, observação e intervenção nas aulas e nos espaços de convivência são ações preventivas e necessárias.

Experiências educativas revelam que a criança aprende o que vive e se torna o que experimenta; o adolescente clama por limites e a autonomia não se constrói sem a cooperação do outro.

O ambiente escolar faz diferença no resultado das relações interpessoais e é altamente determinante na construção da identidade moral. Na moral da obediência, não há autonomia e, sim, rebeldia. Não se age por consciência e, sim, por transgressão ou medo de ferir as regras e ser punido. No lugar da afetividade, cresce a agressividade; da autoridade, o autoritarismo, e, assim, a falsa sensação de controle.

Se formos livres por dentro, nada nos aprisionará por fora.

Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-rio-branco/etica-tolerancia-e-o-ambiente-escolar/>. (com adaptações).